



A POLÍTICA SHAKESPEARIANA TEATRALISTA REPRESENTADA EM HAMLET

THE THEATRICALIST SHAKESPEARIAN POLICY REPRESENTED IN *HAMLET*

Adelson Oliveira Mendes¹

Recebido em: 07 mai. 2020

Aceito em: 30 dez. 2020

DOI: 10.26512/aguaviva.v6i1.31384

RESUMO: Por meio de uma proposta qualitativa de análise, seguiu-se uma investigação do seguinte tema: As ações políticas no século XVI e a representatividade na Corte, em *Hamlet*. Os comportamentos e estratégias políticas da personagem Claudius dentro do governo articulam-se aos estudos foucaultianos, primordialmente em *Estratégia, Poder-Saber* (2006). Juntamente com uma obra de representação da vida palaciana, *Breviário dos Políticos*, de Cardeal Mazzarino (1997), chegamos a uma compreensão aproximada da personagem somada a uma das grandes referências notadas na peça, a qual discute âmbitos políticos, a obra *O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel (2006). Bloom (2001-2004) discute tal personagem focado na sua prática política e discute sua prática anterior ao seu atual porte estatal e sua relação enquanto rei, com a população e o seu Estado. Tais articulações apontam que, na construção da personagem Claudius, dentro do teatro shakespeariano, o discurso elaborado pela personagem fundamenta-se na sedução. Portanto, os passos tomados por tal personagem, significativamente, acarretam discussões que sugerem uma mediação entre o seu caráter de dissimulador e os aspectos para conseguir se manter no poder, no qual ocorre uma representação do líder estudado em Maquiavel.

Palavras-chave: William Shakespeare. Política. Claudius. Peça Hamlet.

ABSTRACT: Through a qualitative analysis proposal, an investigation of the following theme was followed: *As ações políticas no século XVI e a representatividade na corte, em Hamlet*. The political actions and strategies of the character of king Claudius within the government are linked to Foucauldian studies, mainly in *Strategy, Power-Knowledge* (2006). Together with a work of representation of palace life, *Breviário dos Políticos*, by Cardinal Mazzarino (1997), we come to an approximate understanding of the character said to one of the great references noted in the play, which discusses political spheres, the work *O Príncipe*, by Niccolò Machiavelli (2006). Bloom (2001 - 2004) tell us about this character focused on his political practice and discusses his practice prior to his current state status and his relationship as king. Such articulations point out that in the construction of the character (king) Claudius, within the Shakespearean work, the discourse elaborated by the character is based on seduction. The steps

¹ Especialista em Produção Textual, Gramática e Literatura e graduado em Licenciatura em Letras - Língua Inglesa e Literatura pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Integrante dos dois grupos de pesquisa (Estudos Interdisciplinares sobre Contemporaneidade: Língua, Literatura e Educação; e Estratégias literárias em discursos contemporâneos sobre crise) coordenados pelo professor pós-doutor Thiago Martins Caldas Prado e possui, com o mesmo professor, um livro publicado e titulado " Maquiavel em/e Shakespeare: releituras da personagem rei Claudius". E-mail: adelsonoliveiramendes@yahoo.com.br



taken by such a character, significantly, lead to discussions that suggest mediation between his character as a dissimulator and the aspects to be able to remain in power, there is a representation of the leader as studied in Machiavelli.

Keywords: William Shakespeare. Politics. Claudius. Hamlet play.

1 INTRODUÇÃO

Poeta e dramaturgo são características essas que são dadas a William Shakespeare por sua competência, pois antes de ser dramaturgo, ele era poeta, o que enriquece ainda mais suas peças. Usava sua poeticidade para a expressão nos palcos. A crítica literária diz que Shakespeare não quis expressar nenhum sentimento concernente tanto a religiões quanto à política. Um crítico considerado Shakespeariano, Northrop Frye (2011), menciona que as concepções de religião e política são dúvidas enquanto analisadas todas as obras do poeta/dramaturgo. Esse autor elabora muitas releituras do trabalho do bardo, entre as obras analisadas está *Hamlet*. O bardo inglês pôde ou não abordar tais aspectos? Porém, sua amplitude quanto poeta e dramaturgo vão ainda mais distantes.

Através dessa crítica, Shakespeare não quis prescrever sua ideologia política ou religiosa em suas peças, fica clara a força de conhecimento político em *Hamlet*, por exemplo, expressa na personagem rei Claudius. O rei Claudius tem uma vasta agilidade nos trâmites políticos, é obvio se analisada tal obra. Assim, esse artigo objetiva analisar a personagem rei Claudius articulando-o a interpretações da ciência literária e política (tanto às existentes anteriormente a Shakespeare quanto do próprio século XVI até as interpretações contemporâneas).

Nota-se na arte de governar da personagem rei Claudius, posta por Shakespeare, uma possibilidade de discussão sobre a transição da forma de governo feudal para a noção de Estado apresentado por Michel Foucault (2006), um Estado administrativo e governamentalizado. Foucault (2006) deixa alguns aspectos a aplicar na personagem rei Claudius e percebe-se um soberano que se valia do poder de manipulação para conquistar mais territórios e súditos.

Na época expressa em *Hamlet*, as personagens não tinham liberdade de tais pensamentos, pois, ao mesmo tempo em que o rei institucionaliza seu reinado, acabava ficando o totalitarismo aos súditos, isso fixado no governo absoluto que praticava. O rei Claudius já está estabilizado pelo poder que lhe proporcionou territórios, súditos e “família”.



A dissimulação é característica forte no rei Claudius. Os fatos não apresentados verdadeiramente ao súdito do rei Hamlet, antecessor a rei Claudius, o súdito Polônio, o fez traí-lo. Na perspectiva de Nicolau Maquiavel (2006), Polônio não cumpriu o caráter do súdito fiel, visto que pensou mais em si, no seu egoísmo pelo poder e pela rainha Gertrude, ao juntar-se com Claudius para cometerem o assassinato do rei Hamlet. Fato esse que é praticado ao contrário quando Claudius torna-se rei da Dinamarca e Polônio passa a ser o segundo homem mais poderoso dentro do castelo de Elsinore.

Polônio foi cúmplice de Claudius no assassinato do rei Hamlet. O nível de traição do súdito ao antecessor rei Hamlet é notável, no entanto, ao contrário, iniciava uma forte parceria nas pretensões usurpatórias do rei Claudius, pois Polônio queria que Ofélia casasse com o príncipe Hamlet e se juntando ao rei Claudius, pensou Polônio, conseguiria esse fato. A usurpação de Claudius ao reino do irmão surge do cálculo e, principalmente, do jogo para concretizar a aliança emocional com Gertrude.

Será de grande proveito abordar essas ações do rei Claudius, em *Hamlet*, com as demais personagens. Sua interação de confronto com Laertes se dá no propósito de uma revolta do povo com quem comanda a coroa: rei Claudius. Ficam então referências a Giulio Mazzarino (1997), diante das estratégias do rei Claudius. Na passagem da peça citada por Lacerda (2015), é notável que o rei já começa a agir, colocando Laertes como interlocutor da carta escrita pelo príncipe Hamlet.

Essas hipóteses e outras nessa pesquisa são mais reforçadas e/ou provadas através da crítica literária representada pelos críticos: Frye (2011), Foucault (2006), Lacerda (2015), Mazzarino (1997), Bloom (2001 - 2004), Bradley (2009), Casa (1999), Maquiavel (2006) e Knight (2005). Considerando a viabilidade das hipóteses mencionadas, serão (a)provadas tais hipóteses através desses críticos mencionados.

2 A POLÍTICA E SEUS MOLDES

Lacerda (2015) posiciona-se e vê um ponto negativo na forma em que o rei Claudius conduz seu poder, deixando perecer o modo aristocrático ao assumir a forma tirana de liderança. Nas palavras do autor supracitado: “Seu tio é um mau rei porque usa a maldade intrínseca à natureza humana não para castigar os criminosos, mas para ele próprio cometer crimes e usufruir dos direitos alheios” (LACERDA, 2015, p. 260). Ainda segundo Lacerda (2015, p. 134), o rei Claudius, nas atribuições de dissimulador às intenções com o sobrinho, “Já diminuiu a quase nada a distância entre ele e sua vítima, falta apenas dar o bote e abocanhá-la”.



Além de conseguir aliar-se a Laertes, usando o súdito como isca para eliminar o príncipe Hamlet, o então rei, através de sua expressão de apaziguamento, consegue uma imagem real, “Com toda a atenção ao redor, naquilo que deve se apresentar de ti em público, porque de uma única ação depende para sempre a tua fama” (MAZZARINO, 1997, p. 63). Ou seja, o rei Claudius não respondeu ao nível arrogante de Laertes e é interpretado por quem o cerca.

Enquanto ao envolvimento do rei Claudius no fratricídio, Mazzarino (1997) apresenta conselhos para que, em ocasiões tais como em *Hamlet*, a melhor oportunidade é realizar o que o personagem rei Claudius realizou, dissimular. Nas palavras de Mazzarino (1997), “Se te envolvereste em alguma ação detestada por todos, não te exponhas em público à agitação dos desprezos, nem te comportes como se estivesse perto de aprovar o fato, nem te gabes, ou insultes os ofendidos” (MAZZARINO, 1999, p. 50).

A ameaça de Hamlet no castelo de Elsinore fez o rei Claudius se precaver, convocando os súditos Rosencrantz e Guildenstern² para vigiarem de perto o sobrinho “louco”. Pois Claudius desconfiava da intenção que tinha o príncipe Hamlet (seu sobrinho): informar a população, veridicamente, do ato do tio, rei Claudius, de matar o irmão, pai do príncipe Hamlet. Pois o então rei pretendeu e reconquistou a rainha Gertrude e “tentou conquistar” o trono dinamarquês. Como diz George Wilson Knight (2005):

A alma de Hamlet está doente. Os sintomas são: horror com o fato da morte e um ódio da vida, um sentido de impureza e o mal nas coisas da natureza; a aversão ao corpo físico do homem; amargura, cinismo, ódio, ele tende à insanidade. Todos estes elementos são insistentes em Hamlet. Ele pode descrever as glórias do céu e da terra, mas para ele essas glórias sumiram. E ele não sabe por que, a doença é mais profunda do que sua perda de Ofélia, mais profunda do que a traição de sua mãe e da morte de seu pai. Esses são, como suas vestes de luto, as "armadilhas e os ternos de aflição". Eles são seus símbolos exteriores, as "causas" deles, mas a coisa em si é, finalmente, além da causalidade³ (KNIGHT, 2005, p. 24).

² Now Claudius is not drawn as wholly evil—far from it. We see the government of Denmark working smoothly. Claudius shows every sign of being an excellent diplomatist and king. He is troubled by young Fortinbras, and dispatches ambassadors to the sick King of Norway demanding that he suppress the raids of his nephew (KNIGHT, 2005, p. 36).

³ Hamlet's soul is sick. The symptoms are, horror at the fact of death and an equal detestation of life, a sense of uncleanness and evil in the things of nature; a disgust at the physical body of man; bitterness, cynicism, hate. It tends towards insanity. All these elements are insistent in Hamlet. He can describe the glories of heaven and earth but for him those glories are gone. And he knows not why. The disease is deeper than his loss of Ophelia, deeper than his mother's sexual impurity and his father's death. These are, like his mourning dress, the 'trappings and the suits of woe. They are the outward symbols of it, the 'causes' of it: but the thing itself is ultimate, beyond causality.



Utilizando nessa ação do rei Claudius (ação de fratricídio) os sábios conselhos de Mazzarino (1997) em tom de metáfora, aplicamos ao então rei mais um ponto significativo. Segundo o autor mencionado: “[...] será sempre bom que, enquanto sentas à mesa, ou à mesinha para escrever, coloques à tua frente um espelho para ver de relance o quanto se faz pelas tuas costas” (MAZZARINO, 1997, p. 48). Para esclarecer o papel significativo às intenções manipuladoras do então rei, os súditos Rosencrantz e Guildenstern assumem a função de espelhos, assim como a citação acima de Mazzarino (1997), que se torna mais esclarecedora quando Shakespeare descreve a cena:

Bem-vindos, Rosencrantz e Guildenstern!
Além do nosso anseio para revê-los,
Causou nosso chamado o precisarmos
Do vosso auxílio. Certo, alguma coisa
Já vos falaram da transformação
Que houve em Hamlet; assim a chamaremos,
Já que nem na aparência e nem no ânimo
Ele é o mesmo (SHAKESPEARE, 2004, p. 189).

Longe do ato de fratricídio, os demais atos são apresentados por Lacerda (2015), onde a verdade é mais uma vez ocultada, através da escolha de Shakespeare quando apresenta o rei Claudius dissimulador: que não é socializado como pede sua função, mas que faz parte de seu governo autocrático e tirano, por exemplo.

Quando suas decisões com o velho rei Fortimbrás são mencionadas pelo jovem príncipe norueguês Fortimbrás, como fato consumado entre as partes, na suposta ideia do exército liderado pelo príncipe norueguês cortar caminho pela Dinamarca à Polônia. A dissimulação é bem exposta aos leitores da peça, por exemplo quando os diálogos e ordens ficam expostos entre o rei Claudius e o velho rei Fortimbrás. Fica, também, exposta uma disputa de poder, quem é o mais poderoso? Isso é notável na decisão final na peça: o rei Claudius é assassinado e o sobrinho do rei Fortimbrás está presente no momento do ato.

Além do lado tirânico do rei Claudius governar, nota-se um rei que institucionaliza seu reinado, atribuindo funções a todos seus súditos. Segundo proposições maquiavélicas, o rei Claudius tem uma suposição de que abaixo de si, ninguém seja mais forte ou mais fraco entre os súditos, que todos tenham a mesma função: proteger o reino e seu rei. Para além da manipulação do fato real sobre a personagem rei Claudius, dentro da peça, Shakespeare trabalha um rei ágil, calculista e dissimulador, características essas que também se somam à



personalidade de um rei, principalmente naquela época em que Shakespeare escreveu a peça *Hamlet*.

Quando o rei Claudius reconhece o príncipe Hamlet como seu sucessor ao trono, ainda que o príncipe prove sua experiência e seja jovem para tal responsabilidade, raciocinando as artimanhas em ser líder. Seria uma forma de sedução do rei Claudius para com o seu povo, sabido que o povo tinha apreço pelo príncipe Hamlet. No Ato III/Cena I, o rei faz uma menção dissimulada ao ocupar a linha sucessória do trono de forma astuciosa: “[...], pois saiba o mundo que és o herdeiro mais próximo do trono” (SHAKESPEARE, 2004, p. 222).

No decorrer da peça, sabe-se que o rei Claudius ainda era inexperiente na coroa dinamarquesa, sobretudo precisava unir e conhecer seu povo. Para o príncipe Hamlet, era uma comemoração ao incesto (Ato III/Cena II), em que o rei Claudius reúne-se com os súditos para participarem de banquetes. Para o então rei, segundo concepções de Mazzarino (1997), era apenas estratégias para ganhar o apreço de todos e assim se armar,

Procura ter perto de ti, simulando amizade, aquele que em tua ausência queixas, e contra ti amotinaria sediciosos e agitaria outras pessoas tórbidas. Mantém-no sempre ao teu lado nos prazeres, nas caças, à mesa, nos pensamentos e no teu próprio banquete” (MAZZARINO, 1997, p. 48).

Tais pontos colocados por Mazzarino (1997) tomam mais pulso se postos, também, aos argumentos de Casa (1999, p. 21), quando esse diz: “[...] convém fazer do desejo do outro o próprio prazer, quando não se siga dano ou vergonha, e, nisto, sempre agir e falar antes pelo critério alheio do que pelo próprio”.

O rei Claudius preocupa-se apenas com a obtenção de poder, através da autoridade exercida sobre os territórios. Como visto em Lacerda (2015, p. 127), a cobrança do reino dinamarquês sobre a Inglaterra, “[...] aqui, ela está inadimplente com o Banco Central dinamarquês”⁴, e sobre seus súditos, é vista como uma artimanha. Sua fonte de poder, no entanto, firma-se de seus súditos e estes o honram, protegendo-o.

⁴ Mas é verdade: na época em que a história se passa, a Inglaterra pagava mesmo um tributo à Dinamarca, o chamado *Danegeld*, ou “ouro dinamarquês”.



3 A POLÍTICA RENASCENTISTA E A ATUAÇÃO DE UM REI

Bloom (2001, p. 507) destaca a veracidade e ferocidade daquela época, “[...] mais vida em um tempo sem limites”. As ações do rei Claudius⁵ durante seu reinado não ultrapassam seus atos à função de rei. Como rei, poderia agir de forma cautelosa, planejada e, às vezes, maldosa, visto que essa última é a que mais caracteriza o rei Claudius, através de sua ânsia em obtenção de poder. Essa, sem sombra de dúvidas, era a maior razão do então rei: obter poder. É nesse ponto que reside a maior dissimulação nos vários momentos em que o rei, nas atribuições de sua função, oculta alguns fatos apenas para sua própria proteção.

É nessa razão que o rei Claudius menciona, segundo Frye (2011), que encontramos os obstáculos a serem seguidos e vencidos. O rei Claudius consegue realizar alguns feitos na sua atuação: o ato de fratricídio; conseguiu deixar o legado em uma época em que a política passava por uma reforma, (a mudança de tática enquanto às negociações com os países vizinhos, diferente do seu irmão, rei Hamlet), segundo Foucault (2006), uma época em que a soberania exercia todo o poder sobre a sociedade com a aquisição de riquezas (exemplo do rei Hamlet). Uma época em que se constava à entrada do mercantilismo quando, por exemplo, o rei Claudius mata seu irmão, rei Hamlet, antes um poder exercido pelo e através do poder absoluto e da ganância, um rei que dominava todos e não exercia o papel de um governador.

Depois, com o rei Claudius, percebemos uma tentativa de pensar a institucionalização do reino dinamarquês, o então rei atribui tarefa a todos, mesmo sendo dissimulador para com esses e expressa seu poder absoluto na maioria de suas ações, utilizando-os apenas para realizar seus desejos, mas, como visto acima por Mazzarino (1997), enquanto o rei Claudius possuía o poder sobre seus súditos, armava assim um complexo de segurança tanto do reino quanto do reinado.

Em *Hamlet*, Ato I/Cena I, é notório uma reforma e reforço na segurança do castelo, assim que o rei Claudius assume a coroa e nota-se o acréscimo de Bernardo e Marcelo juntos a Francisco na guarda do castelo. Uma preocupação do então rei de uma invasão, acreditando ele da tradição dos reinantes em conseguir mais poder através de terras. O rei Claudius⁶, mais uma vez, nos mostra ser um rei hábil, estrategista e muito calculista, qualidades essas que devem

⁵ *Throughout the first half of the play Claudius is the typical kindly uncle, besides being a good king* (KNIGHT, 2005, p. 37).

⁶ *Claudius, as he appears in the play, is not a criminal. He is—strange as it may seem—a good and gentle king, enmeshed by the chain of causality linking him with his crime [...] Claudius can hardly be blamed for his later actions. They are forced on him. As King, he could scarcely be expected to do otherwise. Hamlet is a danger to the state, even apart from his knowledge of Claudius’ guilt* (KNIGHT, 2005, p. 38).



sempre acompanhar um líder, seja em qualquer esfera de governo. Assim descreve A. C. Bradley (2009, p. 123) a respeito do mandato de tal personagem e sobre essa personagem enquanto seu porte de autoridade/rei: “Como rei, é cortês e nunca indigno do trono; desempenha seus deveres cerimoniais com eficiência; e cuida com desvelo dos interesses nacionais”.

Se analisado no seu porte político, existe uma determinada perfeição do rei Claudius em sua atuação, há um grande cuidado de agir, grande preocupação enquanto líder supremo, a sociedade não consegue notar sua forma real de governo (praticava mais ações em busca do seu reino definitivo, a personagem que mais recebia as ações complexas em busca dessa realidade era o príncipe Hamlet, pois era o único que demonstrava empecilhos para esse acontecimento), pois haveria grande revolta populacional devida sua forma de agir, pois apresentava para a população, exceto Polônio que rodeava tudo que o então rei praticava, de forma excelente. Como dito por Bradley (2009) acima, o rei atuava de forma cortesã, digno de seu patamar e nunca se apresentava com qualidades desrespeitáveis.

A crítica literária shakespeariana possui um grande alcance a personagem do rei Claudius, uma personagem com cenas complexas na política apresentada por Shakespeare. Um governo muito centralizador, ou seja, um reino que almejava sempre terras do rei vizinho, ação bem representada pelo rei Hamlet, por exemplo. O rei Claudius preocupava-se com o que acontecia e envolvia o seu trono e seu país, demonstra bem sua relação exterior. A primeira tentativa da morte do príncipe Hamlet, deixa bem claras suas ações com os reinos: cobranças de tributos.

Shakespeare⁷ demonstrou uma relação conturbada na peça, mas além de toda a crítica literária ao redor dessa peça, o autor explicitou a tentativa de um líder institucionalizar o poder. As cobranças de tributos, a aplicação de funções/cargos aos súditos: Polônio, Rosencrantz, Guildenstern e Laertes, a continuação no cargo de Bernardo e Francisco, demonstra a tentativa do rei Claudius de liderar. A teoria literária não percebeu até a atualidade os aspectos políticos diretamente ligados a essa personagem.

A política presente na peça *Hamlet* representa a ações naquela época medieval, mas não nos proíbe de refletir as ações de tal personagem até a política contemporânea. A representação da imagem de liderança pelo rei Claudius mostra a forma de liderança superior a do rei Hamlet. A personagem rei Claudius demonstrou sua perfeição no poder, disse o então rei que daria a

⁷ Os ideais, tanto da sociedade como do indivíduo, eram, talvez, mais importantes no mundo de Shakespeare do que no nosso [...] Sendo Shakespeare o mais memorável dos escritores, faria sentido supor que a dor que Shakespeare nos causa seja tão significativa quanto o prazer (BLOOM, 2001, p. 31-39).



vida para aquele que identificasse uma culpa dele e pudesse culpá-lo. Disse o então rei: “Se por meio direto ou indireto/Me julgarem culpado, eu te darei/Vida, coroa, e tudo o que possuo” (SHAKESPEARE, 2004, p. 275).

É fato que o ato de fratricídio acarretou uma imagem negativa ao rei Claudius e conhecendo o forte impacto e sensibilidade de tal fato, nota-se que o rei Claudius não agiu bem. Mas, entender a peça apenas por esse viés limita nossa interpretação na peça e nos limitará a medir as ações políticas com a modernidade. Por exemplo, as ações do envio de embaixadores para a realização de suas intenções, a aplicabilidade de funções aos súditos e etc. A forma de agir do então rei desperta interesse nos críticos shakespearianos. Um exemplo desses críticos é Frye (2011, p. 119), quando menciona: “Cláudio parece ser um tipo até mesmo grosseiro, que aprecia os prazeres e tem muita vitalidade e ânimo”. O autor descreve um exemplo de líder com muita, assim como ele descreve, vitalidade.

Tais características deixam o rei Claudius em um ótimo estado comparando com o príncipe Hamlet, segundo Bloom (2001) o príncipe Hamlet é o único inimigo de si mesmo, a inimizade do rei com o príncipe não existe, assim diz Bloom (2001, p. 534), “Cláudio é mero acidente, o único inimigo de Hamlet é o próprio Hamlet”. Considerando o tempo que se tornou rei, mantinha uma experiência invejável com os súditos, foram esses que o informaram da tentativa de invasão do príncipe Fortimbrás. Sabendo dessa possível invasão, notória no final da peça a chegada do então príncipe, o então rei manda súditos à negociação. A sua iniciativa no poder não implicou seu conhecimento a respeito da relação da corte: a cobrança de tributos aos vizinhos, o controle em relação ao poder e a manutenção dos súditos na coroa.

A proteção do rei Claudius, mostra-se na peça, era enorme. Pensava, mesmo pensando na conquista, a derrota. Se a derrota tiver a possibilidade de vir, o então rei estaria sempre de olhos abertos. Como diz Shakespeare (2004, p. 242): “[...] Mais que o duplo sentido de prevenir-nos/Para que não caiamos, e perdoar-nos/Quando cairmos? Erguerei os olhos/A minha falta é coisa do passado”.

O rei Claudius obteve súditos fies, entre esses estão Rosencrantz e Guildenstern, visto que o alertaram, também, da possível falha do príncipe, tentativa de assassinato, do assassinato do então rei. Diz Bradley (2009, p. 100): “Rosencrantz e Guildenstern falam a Cláudio da necessidade imperiosa de proteger-lhe a vida, que era inestimável, como se a loucura de Hamlet tivesse se revelado agora claramente homicida”.



4 CONCLUSÃO

A dissimulação da personagem rei Claudius é uma prova de que a ocultação da verdade existiu desde a antiguidade e marcada em qualquer era ou época, por exemplo. O rei dissimulador no século XVI é um tanto equivalente aos dissimuladores dos poderes atuais. A forma como foi, é e será trabalhado esse fato social é o que o torna marcante, exemplo é a peça *Hamlet*. Para além de um cânone, Shakespeare traz na peça os problemas sociais daquela época, mesmo que as palavras de Frye (2011), acima mencionadas, afirmam que Shakespeare não tinha interesse em fazer qualquer ato sobre política em suas peças. Pode-se conspirar a personagem rei Claudius, porém não seria audacioso ao se mencionar Claudius como um gênio criado por Shakespeare.

REFERÊNCIAS

- BLOOM, Harold. **Hamlet**: poema ilimitado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- BLOOM, Harold. **Shakespeare**: a invenção do humano. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BRADLEY, A. C. **A tragédia shakespeariana**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- CASA, Giovanni Della. **Galateo ou Dos Costumes**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Estratégia, Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FRYE, Northrop. **Sobre Shakespeare**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- LACERDA, Rodrigo. **Hamlet ou Amleto?** Shakespeare para jovens curiosos e adultos preguiçosos. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- MAQUIAVEL, Niccolò Del. **O Príncipe**. São Paulo: Escala Educacional, 2006.
- MAZZARINO, Giulio. **Breviários dos Políticos**. Rio de Janeiro: Lacerda Ed, 1997.
- KNIGHT, George Wilson. **The Wheel of Fire**. London: Taylor & Francis e-Library, 2005.
- SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.